



AVALIAÇÃO EXTERNA (SAEPE) INFLUÊNCIAS NA PRÁXIS PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS

Rosângela Cristina Bernardo Silva da Costa¹

Nair Alves dos Santos Silva²

Orientadora: Profa. Dr. Rozineide Iraci Pereira da Silva³

RESUMO

Este estudo aborda a relevância dos professores diante dos descritores da avaliação do SAEPE, observando a avaliação se cumpri os objetivos desejados a cada ano letivo, se a escola esta contemplando as matrizes curriculares dos descritores da avaliação SAEPE na prática educativa, e o que os professores fazem para adaptarem-se as matrizes de referência. Tendo como objetivo analisar as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais da educação básica. Optou-se por uma metodologia qualitativa, como coleta de dados utilizou-se de questionários semiestruturado com respostas subjetivas e objetivas sobre a temática. Busca possíveis interlocuções com as produções de: Afonso (2016), Freitas (2014), Hoffmann (2014), Libâneo (2015), Luckesi (2015), Perrenoud (2014), e entre outros. Os resultados revelam que a avaliação em larga escala tem sido utilizada enquanto dispositivo de regulação educacional diante dos descritores vivenciados na rotina escolar, cuja preocupação está focada no controle dos resultados e não nos procedimentos diários da aquisição do conhecimento dos estudantes da educação básica dos anos iniciais.

Palavras-chave: Avaliação, Qualidade da Educação, Conhecimento, Práxis.

INTRODUÇÃO

O Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco-SAEPE a cada dia vem desempenhando nas práxis dos educadores uma rotina escolar baseada nos descritores da avaliação externa. Os professores buscam meios que possam aprimorar as práticas pedagógicas no cotidiano escolar, para preparar os alunos aos descritores da avaliação externa.

A educação pelo impacto social que tem, precisa de considerações e contribuições de diferentes áreas, “porém é imprescindível considerar a perspectiva do professor sobre a realidade e sobre os resultados das avaliações, pois estas consistem

¹ Mestranda em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Naturalis-Superior Educação. E-mail: rosangelacosta-32@hotmail.com;

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Francis Xavier-UNIXAVIER, E-mail: bvnairalves@gmail.com;

³ Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Francis Xavier-UNIXAVIER, E-mail: neide-silva96@hotmail.com.



apenas em um recorte da realidade, na qual os professores intervêm diariamente” (RAVICHT, 2014, p. 18).

Como aponta Afonso às avaliações externas constituem uma mudança importante trazida para as políticas educacionais como elemento regulador (AFONSO, 2016, p. 17). O autor ressalva que, por meio delas conduz-se a ênfase nos resultados e nos produtos, desvalorizando o desempenho. O caminho traçado geralmente está vinculado a uma mudança no próprio sistema de responsabilização, ou seja, passando de sistemas que responsabilizam as pessoas por processos, para sistemas que responsabilizam pessoas por resultados.

Parte-se da argumentação de que sem a presença de resultados que possam ser medidos não se consegue estabelecer uma base de responsabilização em que se possa acreditar, daí a necessidade de avaliação do desempenho. Este artigo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais da educação.

Neste sentido, os professores acabam compreendendo a Avaliação externa como uma forma de medir seu trabalho, além da aquisição dos alunos. Vê-se como um método coercitivo, pois os docentes percebem que essa avaliação pode ser uma forma de puni-los, contribuindo para que os mesmos se sintam incapazes, a partir do momento que seus alunos não atingem os melhores índices em alguns descritores propostos nas Avaliações do SAEPE.

Portanto, é necessária uma análise das avaliações externas, no intuito de aprofundar as reflexões acerca das percepções e dos usos dos resultados das avaliações externas em larga escala. Sem perder de vista as disputas hegemônicas que perpassam os diferentes âmbitos sociais e educacionais.

METODOLOGIA

Durante a pesquisa foram observadas as práticas pedagógicas dos professores em relação aos descritores da prova SAEPE, observando se os mesmos trabalham com os alunos esses descritores. Para a realização da pesquisa foi averiguada o ambiente de uma escola municipal no agreste pernambucano, além de serem analisados conceitos, concepções e fundamentação teórica em entendimento ao objeto de estudo.

Tomando por base metodológica a pesquisa qualitativa e bibliográfica, trata-se de um estudo de caso com ação participativa realizada através de questionários



semiestruturado, que foi aplicado na escola do campo de pesquisa, destinando-se a apresentar o discurso de duas (02) professoras do 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, do município de Passira-PE.

Segundo Gil (2015), trata-se de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos dentro do contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas.

O delineamento se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa. (GIL, 2015, p. 79).

O instrumento usado para a coleta de dados foi um questionário direcionado aos professores do 5º ano do ensino fundamental. O questionário foi elaborado utilizando a Escala de perguntas semiestruturadas. Gil (2015) aponta, como vantagens da utilização do questionário para coletar informações, a garantia do anonimato das respostas e a possibilidade de atingir um maior número de pessoas.

Faz-se necessária uma ação definitiva na comunidade escolar buscando apropriar-se da dinâmica do processo de ensino-aprendizagem atrelada aos resultados do SAEPE. Nesse aspecto torna-se de grande valia constatar a maneira de como os descritores do SAEPE são trabalhados em sala de aula considerando a maturidade intelectual dos alunos em sua vivência no cotidiano escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A AVALIAÇÃO EXTERNA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NOS ANOS INICIAIS

Por ser uma atividade peculiar ao ser humano, à avaliação é um hábito bem antigo que adveio desde a formação da sociedade. É bem comum estarmos nos avaliando corriqueiramente com uma reflexão de nossas ações para optar entre escolhas sobre aquilo que desejamos em todos os descritores.

Segundo Arroyo existe uma abordagem sobre o currículo e os sujeitos da ação educativa na qual os educandos e educadores ressaltam a importância do trabalho coletivo (ARROYO, 2017, p. 78). Para o autor, o texto apresenta a proposta de se desconstruir visões mercantilizadas de currículo, do conhecimento e dos sujeitos do



processo educativo. Ele traz crítica ao aprendizado desenvolvido por competência e habilidades como balizadores da catalogação de alunos desejados e aponta o direito à educação, entendido como o direito à formação e ao desenvolvimento humano pleno.

Nesse contexto não se faz presente a aplicação de notas ou conceitos, é o simples ato de avaliar e seguir em frente primando e focando naquilo que em sua concepção é louvável. É nato do ser humano avaliar, especular, deliberar, porque o ato de avaliar inquieta a pessoa, portanto a avaliação está intrinsicamente em nossas atitudes mesmo que de forma “inconsciente”.

Para Freitas o desenvolvimento de ensino aprendizagem esconde as desigualdades no trajeto, sem discuti-las no ponto de partida, assim se os estudantes se esforçam serão bem sucedidos (FREITAS, 2014, p. 383). Segundo o autor faz-se necessário continuar a produzir a crítica do sistema social que cerca a escola, além de, introduzir a importância da dimensão socioeconômica como variável relevante nas análises de avaliação e desempenho do discente e da escola, a situação socioeconômica em que se encontram os educandos presentes no sistema público.

Como procede a avaliação na esfera educacional na tangente avaliação da aprendizagem. Estamos realmente avaliando os nossos alunos no sentido de refletirmos sobre os resultados, ou esse ato tem se dado de maneira unicamente quantitativa gerando assim, uma segregação dos nossos estudantes e até das unidades de ensino.

Segundo Coelho a avaliação é um conceito polissêmico que no campo da educação precisa ser explicado, para que o interlocutor entenda, entre outros pontos, qual o objeto a ser avaliado e quem é o sujeito avaliador (COELHO, 2015, p.2). Para o autor quando o termo avaliação da aprendizagem é usado na escola, nem sempre se tem a clareza o que de fato está sendo avaliado, o que nos aponta que avaliar a aprendizagem dos estudantes pode se constituir um processo complicado, muitas vezes tenso, que tanto pode promover e elevar a autoestima, quanto pode baixá-la, consideravelmente.

Até os dias atuais o termo avaliação sempre se curvou à verificação da aprendizagem e dificilmente estava vinculada a algo de natureza assertiva por se restringir a notas, conceitos, pareceres, aprovação, retenção que se obtém pela materialização de exames escolares. Esse ato pode contribuir significativamente ou negativamente na vida do aluno e também do docente por se tratar de uma prática, infelizmente excludente.



Conforme Luckesi existe uma diferença significativa entre exame escolar e avaliação da aprendizagem (LUCKESI, 2015, p. 78). Junto a ele surgiu à avaliação em uma roupagem de mudança da práxis pedagógica no sentido de ofertar oportunidade de aprendizagem a todos.

O exercício de avaliar perpassa de uma ação solitária para uma coletiva, transferindo o foco de um indivíduo para o conjunto e o alvo é justamente a aprendizagem coletiva. Depois de todo esse aparato histórico é bem pertinente refletir sobre que modelo de avaliação. O padrão do exame escolar no intento apenas da classificação ou a avaliação da aprendizagem que busca alcançar aos mais diferentes níveis de conhecimento.

Hoffmann aponta que:

Sobre copiosos mal-entendidos que pode haver acerca da avaliação, isso se dá em primeiro plano, pôr a avaliação se interligar ao autoritarismo por se apresentar como uma prática velada que gera certo desinteresse nos alunos no que diz respeito aos estudos, toda essa reação se deve ao caráter classificatório, supressivo e de segregação de todo um processo que não se engaja ao educativo (HOFFANN, 2014, p. 47).

Para a autora o ato da reflexão predispõe aos incluídos uma conversão, vindo isso a se concretizar é plausível afirmar que houve uma auto avaliação docente no intuito de uma mudança na metodologia em sala de aula, é o que denominamos como dito anteriormente de avaliação da aprendizagem.

Freitas enfatiza que, a relação entre educador e educandos que deve se estreitar pela consideração da experiência de mundo dos educandos. (FREITAS, 2014, p. 28). Por esse motivo, o professor deve estreitar esse diálogo, tornando-se um mediador no processo da aprendizagem.

A avaliação de caráter formativo é o controle do processo da aprendizagem no dia a dia. Esse monitoramento se dá como amparo para prováveis adequações no planejamento escolar e até na práxis pedagógica do professor. Como está exposta, a avaliação formativa acompanha o processo e não apenas uma etapa, ou um momento da vida estudantil.

A avaliação somativa de natureza totalmente classificatória é aplicada ao final de um período com o intuito de aferir se o que foi “enxertado” no aluno surtiu o efeito



desejado. É o modelo de avaliação que seleciona e segrega, podemos denominá-lo com exame avaliativo que traz sua prática desde a época dos jesuítas.

APORTES DA AVALIAÇÃO SAEPE NA PRAXE ESCOLAR

A apresentação do Sistema de Avaliação da Educação Básica de Pernambuco-SAEPE é feita na sequência, traçando-se um panorama do uso das avaliações em larga escala pelos Estados da Federação de maior impacto e influência nos sistemas educacionais.

Como afirma Luckesi “a avaliação, diferente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exige decisão do que fazer. A verificação é uma ação que ‘congela’ o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação” (LUCKESI, 2015, p. 93).

Para a autora o fato apenas de verificar, não parte de um processo, é apenas o resultado de um todo. A avaliação é um processo de pré-requisito dentro de uma sala de aula, porque é a partir dela que as decisões e a práxis pedagógica do educador envereda por um caminho.

Segundo Libâneo:

Nesse sentido, avaliações internas, avaliações institucionais e externas devem estar listadas nos encontros escolares, objetivando assim a compreensão de cada uma no intuito de que se leve em consideração suas especificidades para atingir avanços positivos de enriquecimento no processo de aprendizagem dos educandos. É considerável apontar que a avaliação em nenhuma outra época ganhou tão grande destaque como nos dias atuais. Nunca se discutiu tanto sobre avaliação, alargando o seu significado de verificação da aprendizagem para interna, e posteriormente, para externa, de desempenho, entre outras (LIBANEO, 2015, p. 62).

Para o autor por ser uma tendência, é atribuída à avaliação certa complexidade, paralelamente a um enfoque no cerne educacional brasileiro por representar um instrumento que visa avanços na qualidade da educação. Não se pode dissociar avaliação e educação, visto que desde a implantação dos testes nas instituições de ensino, elas andam lado a lado.

Perrenoud afirma que a avaliação é um mecanismo que nasceu de forma tardia nos colégios entre o século XVII sendo inseparável do ensino desde o século XIX, junto à obrigatoriedade da escolaridade (PERRENOUD, 2014, p. 74). Nesse contexto, é dever



da escola ter propriedade dos dados lançados pelas avaliações externas, que mesmo longitudinais, subsidiam a gestão no trato com os documentos oficiais da entidade, Projeto Político Pedagógico (PPP), regimento e reuniões de planejamento.

Em contrapartida, Ferreira, atribui às avaliações externas um caminho bilateral por ela determinar como deve ser planejada a formação continuada do professor, que se curva aos resultados estatísticos da educação. (FERREIRA, 2016, p. 48). Outros parâmetros deveriam impelir essa formação de professores como o compartilhamento de vivências na profissão, a expansão do trabalho em equipe, o engajamento junto à dinâmica da escola, a própria reflexão sobre a sua prática pedagógica.

Porém, por ter a responsabilidade de treinar os alunos em virtude de um avanço nos números, as formações continuadas vêm se exaurindo cada vez mais por conta dessa nova organização das avaliações que repercute em gratificações, punições e até setorização das instituições de ensino.

Entretanto, Freitas relata focar em índices de avaliação associados à auditoria, acreditando que o aumento nas médias de desempenho é sinônimo de boa educação (FREITAS 2014, p. 128). Segundo o autor as forças positivas desresponsabilizam, no interior das instituições, que poderiam ser realmente protagonistas na melhoria da qualidade da educação brasileira e mobilizadoras da escola em direção a novas práticas educacionais.

As políticas educacionais baseadas na avaliação por resultados influenciam na dinâmica escolar, mediante a redução da autonomia da escola na formulação e no desenvolvimento do seu projeto político-pedagógico, até mesmo no sentido de identificar e enfrentar os limites impostos pelas condições estruturais da própria escola e de seus sujeitos.

A avaliação externa auxilia para o progresso de resultados, torna-se essencial a exigência por parte das escolas e do governo por uma educação de qualidade. Para tanto, os docentes ficam obrigados a repensar suas práticas pedagógicas enquanto que a escola deve trabalhar juntamente com a comunidade escolar as questões do currículo e da avaliação.

Porém, a escola se sente na obrigação de fornecer atividades que respaldem as questões de eficácia e eficiência, assim como dar condições para que os estudantes apresentem bons resultados como ocorre no Estado de Pernambuco com o SAEPE.



Desta maneira, ocorre uma adequação do currículo aos conteúdos elencados no Programa das Avaliações Externas.

Segunda a autora Silva:

Entender e articular sobre as práticas ou formatos avaliativos fazendo um retrospecto da avaliação desde a antiguidade e a levando em consideração a proporção que ela tem tomado nos dias atuais é uma maneira de expor aos professores que esta prática é de essencial relevância para o seu sucesso entre as “quatro paredes” de uma sala de aula, desde que , sejam aplicadas com muita segurança e princípio (SILVA, 2018, p. 02).

Nesta perspectiva, as avaliações externas acabam que influenciando toda Proposta Pedagógica Escolar no sentido de uma adequação dos conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula com base na Matriz Curricular e, assim, torna-se necessário uma formação mais contundente dos educadores em relação à avaliação dos processos de ensino e aprendizagem diante dos descritores da avaliação externa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das questões realizadas com as professoras foram analisadas as seguintes respostas.

Quadro 1: Quando se discute sobre a questão da avaliação externa (SAEPE) nos anos iniciais o que vem de atualidade à sua memória?

P1- Lembro-me sem intermediários o nível de proficiência em instrumento que contribui para verificação de aprendizagem para a averiguação dos descritores trabalhados na rotina escolar durante o ano letivo.

P2- Vem na minha cabeça que esse tipo de avaliação se preocupa mais com dados do que a aprendizagem da criança diante da realidade individual do estudante.

Fonte de pesquisa, 2019.

Diante das perspectivas dos professores entrevistados percebe-se através dos argumentos individuais a ação pedagógica de cada mediadora. Pois fica evidente que os docentes estão vivenciando os descritores da avaliação SAEPE, dentro da proposta curricular durante a práxis educativa.

Conforme Freitas a sala de aula, é vista como espaço privilegiado da escola capitalista torna-se palco de treinamento para os testes. As diversas ações empreendidas



pela escola, bem como as múltiplas aprendizagens construídas, são desconsideradas (FREITAS, 2014, p. 56).

Entretanto, observa-se que as professoras deixam de seguir o currículo para seguir a matriz de referência para assim treinar seus alunos para os testes do SAEPE para que se tenha um bom resultado e os professores não se sintam culpados pelos resultados obtidos a cada ano letivo.

Quadro 2: Há quanto tempo você atua como professor (a) do 5º ano dos anos iniciais?

P1- Há 20 (vinte) anos sou professora do 5º ano da mesma escola.

P2- Há 06 (seis) anos sou professora do 5º ano na mesma instituição.

Fonte da pesquisa, 2019.

As mediadoras têm experiências profissionais na área do conhecimento da turma que lecionam, pois cada professora aponta êxito profissional com a turma do 5º ano dos anos iniciais.

Quadro 3: Por conta de um bom resultado ou um negativo resultado nas avaliações externas há a necessidade de uma mudança em relação à práxis pedagógica?

P1- Não, pois a nossa prática pedagógica é totalmente voltada aos descritores da avaliação SAEPE, nossas aulas são de acordo com a realidade do estudante.

P2- A mudança é constante por isso acredito que é de suma importância cada professor aceitar a transformação da educação do mundo da modernização. É fundamental renovar a nossa prática pedagógica, pois a base está no nosso estudante.

Fonte da pesquisa, 2019.

Uma das professoras destaca que é preciso estar revendo suas práticas pedagógicas para se alcançar bons resultados, a responsabilização da escola e professores, a partir dos resultados obtidos nos testes padronizados, tem se constituído em recurso para que os padrões sejam alcançados. Sem revelar as condições objetivas de trabalho das escolas, bem como as desigualdades econômicas e sociais que perpassam nos processos educativos.

Fica evidente que as mediadoras vivenciam suas ações pedagógicas de diversas possibilidades na rotina escolar, partindo da preocupação da aquisição do conhecimento de cada estudante. Porém é gratificante a proposta na perspectiva da aprendizagem do docente com o elo dos discentes.

Quadro 4: Como é planejada toda a preparação para a avaliação do SAEPE na escola que você leciona?



P1- No cotidiano do decorrer de cada ano letivo trabalhamos os descritores do SAEPE, no início do segundo semestre, na reunião de pais e mestres explicamos aos pais a importância do teste e no dia da aplicação, fazemos lanche especial para os estudantes, distribuimos mensagens, fazemos oração e organizamos a escola de modo que as demais turmas não atrapalhem a concentração dos que estão realizando a avaliação.

P2- Durante o ano letivo, procuramos trabalhar o currículo adequando a matriz de referência. Tento associar as dinâmicas trabalhadas no cotidiano para levantar a autoestima do estudante no dia do teste avaliativo.

Fonte da pesquisa, 2019.

Para Freitas (2014), o Currículo representa a caminhada que o sujeito irá fazer ao longo de sua vida escolar, tanto em relação aos conteúdos apropriados quanto as atividades realizadas sob a sistematização da escola.

É de suma relevância ressaltar que é possível haver um planejamento a partir das avaliações internas do professor, e não apenas a partir das avaliações externas. Antes do surgimento dessas avaliações os professores já planejam suas aulas a partir da avaliação realizada na sala de aula, motivando e levantando a autoestima dos discentes nas ações pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da necessidade da conquista individual da aquisição do desempenho do estudante na práxis diária escolar, esse foco é considerado essencial no pedagógico, pelos profissionais da escola além de gerar grande motivação entre os estudantes. O que ainda intensifica esse estreitamento curricular é que, na prática da sala de aula, as disciplinas de Português e Matemática são quase que em sua totalidade orientadas pelos descritores e matrizes de referência do SAEPE que, segundo os professores, propõem um ensino na proposta curricular da avaliação externa atrelando os conhecimentos dos estudantes dos anos iniciais da educação básica.

A avaliação é então, um processo e uma oportunidade necessária para que se possam desenvolver e acompanhar metas qualitativas e quantitativas para analisar se são atingidas. Com esse olhar, a avaliação é capaz de fomentar nas escolas e nas redes uma investigação sistemática sobre a qualidade de suas práticas e dos seus resultados, articular os incentivos da avaliação externa com a cultura e os dispositivos de



autoavaliação das escolas e reforçar a capacidade das escolas de desempenhar sua autonomia, regulando o funcionamento do sistema educativo de estudo dos estudantes.

Porém, é essencial que os docentes saibam usufruir os instrumentos avaliativos assim como o seu uso na mudança da prática pedagógica. Conquanto, advém um distanciamento quando o sistema engessa o trabalho docente através de inúmeras planilhas, matriz curricular com uma série de conteúdos que precisam ser trabalhados em cada bimestre letivo e aplicação de avaliações internas de acordo com os descritores exigidos nas avaliações externas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional: regulação e emancipação – para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas.** São Paulo: Cortez, 2016. 149 p.

ARROYO, M. G. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

COELHO, M. I.M. **Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios.** aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 229-258, abr./jun. 2015.

FREITAS, S. L.; COSTA; M. G. N.; MIRANDA, F. A. **Avaliação educacional: formas de uso na prática pedagógica.** Meta: avaliação. Rio de Janeiro, v.6, n.16, p.85-98. jan./ abr. 2014.

FREITAS, L. C. [et. al.]. **Avaliação Educacional – Caminhando pela Contramão.** 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção Fronteiras Educacionais)

FERREIRA, D. L. **Avaliações Externas e Formação de Professores no Brasil:** relações e aproximações. 2016. Trabalho apresentado ao 5.º Encontro Internacional da SBEC. Avaliação do Rendimento Escolar: dimensões internacionais, Belém do Pará, 2016. Disponível em: <<http://www.sbec.org.br/ev2012/trab13.pdf>>. Acesso em: 22 de fev. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa,** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafios: uma perspectiva construtivista.** 44. ed. Porto Alegre, RS. Mediação, 2014.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2015.



LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar** [livro eletrônico] estudo e proposições. 1. ed. São Paulo. Cortez, 2015.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. SAEPE – 2015. **Revista Gestão Escolar**, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de educação, CAED, v. 1, jan./dez. 2018.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

RAVITCH, D. **Vida e morte do grande sistema educacional americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação**. Porto Alegre/RS: Sulina, 2014.

SILVA, Rozineide Iraci Pereira Da. **PRÁTICAS AVALIATIVAS DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS**. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48665> ISSN: 2358-8829, 2018.